

Gente famosa estuda mesmo sem ir à escola

Quando a profissão impede a frequência às aulas, a opção é estudar em casa ou fazer provas especiais

MARIA LÍGIA PAGENOTTO
e RITA LUCATO

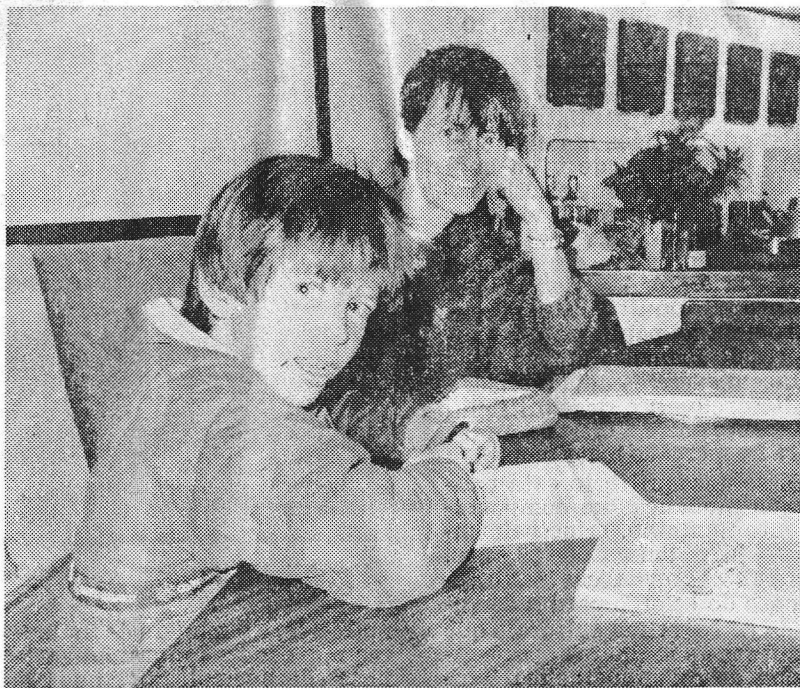
Todos os dias, a adolescente Angélica Ksyviskis, de 17 anos, cumpre uma rotina comum para os estudantes. Às 8 horas, entre resmungos e bocejos, a jovem é acordada pela mãe para estudar. Ao contrário da grande maioria dos adolescentes, porém, ela não precisa sair de casa para ir à escola. Em sua cobertura no Rio de Janeiro, dois professores particulares a esperam para mais um dia de lições.

Por duas horas, inclusive aos sábados, Angélica aprende as matérias do 2º grau, além do Espanhol. Só depois de cumprir suas obrigações escolares, ela vai gravar os programas *Clube da Criança* e *Milk Shake*, da TV Manchete. Assim como Angélica, outros estudantes, por opção dos pais ou por transtornos profissionais, são obrigados a se adaptar a formas não convencionais de aprendizado.

Até os 15 anos, quando frequentou colégios cariocas, a apresentadora conciliava, com dificuldade, seus compromissos com a escola. Depois de um ano de correria, entre shows e gravações, veio a estafa. A família decidiu então inverter a situação: adaptou os estudos à sua carreira.

Apesar de ter seguido o caminho mais simples, Angélica, assim como qualquer outro mortal, não poderá escapar às leis que regem o sistema educacional do País. Para chegar a uma das faculdades que pretende cursar — Jornalismo ou Publicidade —, ela será obrigada a se submeter a um exame supletivo. A aprovação nesse teste dá direito a um certificado equivalente ao 1º e 2º graus. "Sem o aval do supletivo, todas as iniciativas informais de educação não passam de cursos livres", informa o professor João Cardoso Palma Filho, do Conselho Estadual de Educação.

Palma vê com simpatia as propostas informais de ensino.



Cilene Pereira

Igor: aulas no barco com a mãe e lições corrigidas na França

no. "Em países do Primeiro Mundo, não existe a preocupação com diplomas", diz. Para ingressar em qualquer uma das séries equivalentes ao 1º ou 2º graus, o jovem faz apenas um teste para aferir seu conhecimento. "O Brasil também deveria adotar um sistema mais flexível."

A pedagoga Myriam Klasilchik, diretora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, analisa com reservas as propostas informais de ensino. Para ela, a escola tem papel importante no desenvolvimento da criança.

ESTUDO NO MAR

Com 7 anos de idade, o francês Igor Bely, filho de um casal de velejadores radicados no Brasil, tem aulas num barco que percorre o mundo. Igor está inscrito no Centro Nacional de Ensino à Distância, um serviço do governo francês para imigrantes. Onde estiver, o aluno recebe apostilas pelo correio. As lições são enviadas de volta à França e corrigidas. Uma desvantagem do sistema, segundo Sophie, mãe de Igor, é administrar o tempo de estudo e lazer dentro do barco.

Além de aulas em barcos, há outros lugares inusitados para se estudar: hotéis, aviões, ônibus e até concentrações de times de futebol. O cantor Alan, de 17 anos, do grupo Polegar, concluiu o 2º grau graças à flexibilidade dos diretores das escolas que frequentou. Ele e os outros componentes do conjunto, Rafael, Alex e Ricardo, levam vantagem em relação aos colegas. "Quando estamos em excursão pelo Brasil, temos as faltas abonadas e fazemos provas em datas especiais", conta Alan, sem saber que a prática é proibida pelo Ministério da Educação.

A paulista Cíntia Abrantes, de 10 anos, apresentadora do programa *Cometa Alegria*, da TV Manchete, também estuda em regime especial. "Como gravo só duas vezes por semana, nunca bombei por faltas, mas faço provas em dias diferentes dos colegas", revela Cíntia, aluna da 5ª série. Já o zagueiro corintiano Marcelo Kiremitdjan, de 24 anos, conta com a boa vontade do técnico Nelsinho para cursar Engenharia Elétrica. Nos dias de concentração, Marcelo tem autorização para ir à faculdade.

□ Colaborou Cilene Pereira